

## CIDADANIA & TERRITÓRIO II

*Cristhian Moreira Brum<sup>1</sup> e Thaís Debli Libardoni<sup>2</sup>*

Entender o conceito de cidadania é compreender uma visão de mundo humana, preocupada com a autonomia do sujeito e capaz de proporcionar perspectivas em inúmeros campos do conhecimento. Essa cidadania, voltada à área da arquitetura e urbanismo, reflete na postura do arquiteto ou da arquiteta como ser generalista capaz de criar e vivenciar ações que possibilitem o empoderamento das pessoas, em específico, a arquitetura social. Ela busca o direito à cidade, a acessibilidade irrestrita a espaços urbanos, a serviços essenciais e a oportunidades de lazer, convivência social e qualidade de vida. E, devido à essa amplitude de abrangência, é evidente que o entendimento não diz respeito apenas a nossa arquitetura, mas também a tantas outras áreas e campos do conhecimento onde a prática cidadã tem um papel intrínseco e fundamental.

Ao aliar o conceito de cidadania com o de território, já se torna inevitável, por exemplo, que noções próprias à geografia sejam absorvidas. Entretanto, a territorialidade por si só não é necessariamente um fenômeno espacial, ela pode percorrer caminhos mais subjetivos, da própria territorialidade humana e da construção da identidade dos indivíduos.

Assim como a edição anterior da revista, a 23ª edição da *Pixo* nasceu no 3º Congresso Internacional de Cidadania, Espaço Público e Território, sediado em 2021 pela Universidade Federal de Pelotas e, da mesma forma, é sensível a todas as nuances que envolvem as discussões geradas a partir do encontro dos conceitos de território e cidadania. A seleção de trabalhos a seguir tem como principal objetivo refletir ao máximo esse cenário, não de forma exaustiva, mas visando embasar e instigar novos debates.

Abrindo esta edição da *Pixo*, Cristhian Moreira Brum e Tarcísio Dorn de Oliveira conduzem uma entrevista com a Doutora em Geografia Física Helena Copetti Callai. Nela, a geógrafa aborda o EDUCAR PARA A CIDADANIA, tendo por base a sua experiência como orientadora de inúmeros arquitetos e urbanistas.

1 Possui Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI Campus de Santiago - 2009), Especialista em Gestão Ambiental pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA - 2010), Mestre em Engenharia Civil e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - 2012), na área de concentração de Construção Civil e Preservação Ambiental e linha de pesquisa de Conforto Ambiental. Doutor em Educação nas Ciências, na área de concentração em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ Campus de Ijuí - 2017). Desenvolveu Estágio Pós-Doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ Campus de Ijuí - 2019), nas áreas de Educação, Formação Cidadã e Arquitetura e Urbanismo. Atua como Professor do Magistério Superior - Classe A, com dedicação exclusiva, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo; Coordenador Adjunto e Professor Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAURB/UFPel).

2 Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (FAURB-UFPel) (2010), é Mestra em Arquitetura e Urbanismo também pela Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU-UFPel) (2018). Em 2019 foi Pesquisadora Associada ao Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas (LABCom/UFPel), ligada ao Projeto 'Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities', financiado pelo Economic and Social Research Council (ESRC) -Newton Fund (UK). Em 2021 foi Bolsista de Extensão no País (CNPQ) no projeto "PlaceAge-COVID: Delivering Age-Friendly Cities to Support Social Wellbeing in Response to COVID-19". Investiga as relações ambiente-comportamento na promoção de cidades mais sustentáveis e saudáveis para o envelhecimento.

A seguir, a seção Artigos e Ensaios começa com uma pesquisa bibliográfica e documental de Cristhian Moreira Brum, Tarcísio Dorn de Oliveira, Helena Copetti Callai, Jeferson Grosse Hardt, Jéssica Patrícia Tolfo e Matheus Mendonça da Rocha. Em DIREITO À CIDADE: INTER-RELAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS COM A PROMOÇÃO DO BEM VIVER DAS PESSOAS, os autores debatem sobre o direito à cidade e aos espaços públicos como um direito fundamental, de interesse social em prol do bem coletivo.

Em TEMPO E PROJETO EM ABBAS KIAROSTAMI, Germana Konrath e Paulo Reyes discutem o processo de projetar cidades explorando os conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização a partir da filmografia de Abbas Kiarostami.

Um dos fatores que compõem o território urbano é o tempo e suas camadas temporais são marcadas pelo patrimônio histórico. Assim, Clarisse Marinho da Silva, Aline Montagna da Silveira e Ariela da Silva Torres destacam o cimento penteado como testemunho histórico em MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM FACHADAS DE CIMENTO PENTEADO: UM OLHAR SOBRE EDIFICAÇÕES DE INTERESSE CULTURAL NO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE BAGÉ/RS. Também observando as transformações do território com o tempo, CIDADES E PORTOS NA AMAZÔNIA CENTRAL de André Paiva Rodrigues aponta impactos urbanos em municípios alcançados por recentes megaempreendimentos logísticos na Amazônia Central.

Em AS RELAÇÕES DICOTÔMICAS ENTRE CAMPO-CIDADE E AS POLÍTICAS HABITACIONAIS NO BRASIL, Felipe Facci Facci Inguaggiato e Tatiane Ferreira Olivatto refletem sobre o distanciamento entre os territórios urbano e rural discutindo sobre políticas de moradia brasileiras e questões que desencorajam o êxodo rural.

Na sequência, EXCLUSÃO SOCIAL E MEGAEVENTOS NO BRASIL aborda a relação entre urbanismo e cidadania de populações vulneráveis. As autoras Gisele Silva Pereira, Adriana Portella, Gabriela Costa da Silva, Amanda Carriconde Duquia e Giovana de Matos Bandeira analisam os impactos das intervenções urbanas realizadas no Rio de Janeiro, visando as Olimpíadas de 2016, para as populações em vulnerabilidade social.

O artigo ALÉM DAS SALAS DE AULA: REFLEXÕES SOBRE ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO EM CAMPI UNIVERSITÁRIOS de Natalya Cristina de Lima Souza e Gleice Azambuja Elali dá seguimento à seção e apresenta reflexões sobre usos, ocupações e vivências em territórios formados a partir de espaços de transição.

Traçando paralelos entre territorialidade normativa, territorialidade vivida e a imaginação, Luiza Signori e Maurício Rossini dos Santos apresentam "SE O CEMITÉRIO NÃO EXISTISSE, TUDO SERIA O BAIRRO": O(S) TERRITÓRIOS E A IMAGINAÇÃO. Na sequência, Myllena Siqueira Santos, Larissa Letícia Andara Ramos e Luciana Aparecida Netto de Jesus discutem o direito de acesso aos espaços urbanos num contexto de medo e insegurança em DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DE PRAÇAS URBANAS E OCORRÊNCIAS CRIMINAIS EM ESPAÇOS PÚBLICOS, relacionando distribuição socioespacial de praças e incidências criminais em Vila Velha. E, também lidando com as apropriações dos espaços públicos, ENTRE OS RANCHOS E O MAR: LEITURA DAS FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DOS RANCHOS DA BICA NA PRAIA DA TAPERA - FLORIANÓPOLIS/SC, de Artur Hugo da Rosa e Alicia Norma González de Castells faz uma análise socioespacial para refletir sobre conflitos territoriais e estéticos na apropriação de um espaço público que faz parte da orla da praia, na periferia de Florianópolis/SC.

Retomando as discussões sobre apropriação de territórios urbanos e segurança, o trabalho PERCEPÇÕES E DESDOBRAMENTOS SOBRE A SENSAÇÃO DE SEGURANÇA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO CONJUNTO JARDIM MAGUARI, EM BELÉM/PA de Licia Quoos Mayer, Kayan Freitas de Araújo, Ana Paula Soares Müller, Raquel Weiss e Estevan Bacco Bilheri discorre sobre os desdobramentos de intervenções urbanas realizadas em espaços públicos do Conjunto Jardim Maguari, Belém/PA, como medida decorrente da sensação de insegurança em relação ao espaço público.

O estudo intitulado AVALIAÇÃO PÓS OCUPAÇÃO – APO: CONEXÕES ENTRE O AMBIENTE CONSTRUÍDO, COMPORTAMENTO HUMANO E CIDADANIA de Eva da Silva Neta, Tarcísio Dorn de Oliveira, Cristhian Moreira Brum, Paula Gabriela Dalla Porta e Vivian Auxiliadora Laccal Gomes Rauber também explora a qualidade do ambiente construído. Os autores abordam a satisfação do usuário, visando melhor qualidade de vida, sensação de bem-estar e cidadania.

Tendo em vista o viés excludente do urbanismo no Brasil, o artigo O EXERCÍCIO DA CIDADANIA A PARTIR DA ARTICULAÇÃO POPULAR: A COMUNIDADE DO PICI, EM FORTALEZA de Lara Aguiar Cunha e Clarissa Figueiredo Sampaio Freitas relaciona informalidade e planejamento urbano, reconhecendo novas oportunidades de produção do tecido urbano a partir da inclusão da articulação popular no exercício da cidadania. E, aprofundando as reflexões sobre territorialidade e segregação social, em SHOPPING CENTERS, SOCIABILIDADE E SEGREGAÇÃO: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO CASO DE PELOTAS, Laís Becker Ferreira e Eduardo Rocha exploram a percepção dos frequentadores de um shopping center, considerando aspectos atrativos e segregados destes espaços.

Kelly Alcântara Spínola e Ana Emília de Quadros Ferraz ampliam a reflexão sobre a temporalidade dos territórios, ao realizar uma análise espaciotemporal em A PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DO ESPAÇO URBANO DE LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA/BA, para compreender as relações de produção do espaço e interpretar as transformações da paisagem numa área de Centro Histórico.

Ao aliar os conceitos de território e cidadania, entende-se que a acessibilidade aos espaços públicos e os sistemas de mobilidade urbana são indispensáveis para que todo e qualquer cidadão exerça direitos e deveres. A partir desse entendimento, os artigos subsequentes tratam da temática sob diferentes ângulos. Em PROPOSTAS À MOBILIDADE URBANA: PERCEPÇÃO SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE CIRCULAÇÃO DO CONJUNTO JARDIM MAGUARI, EM BELÉM, PARÁ, Kayan Freitas de Araújo, Alberto Patrick Cassiano Lima e Monique Bentes Machado Sardo Leão avaliam a mobilidade urbana em um conjunto habitacional, visando apresentar diretrizes e propostas para mitigação de problemas decorrentes do modelo de planejamento urbano adotado. A seguir, Christian Albers, Jacinta Sidegum Renner e Michele Barth trazem uma compilação de estudos ainda dentro do tema da acessibilidade. ACESSIBILIDADE EM CIDADES BRASILEIRAS: ENTRE O DESCASO QUE SEGREGA E O IDEAL QUE INCLUI identifica, analisa e discute resultados de estudos sobre acessibilidade em espaços públicos ou privados de uso público de municípios brasileiros.

Além da funcionalidade inerente à mobilidade, o ato de caminhar nesta seleção de trabalhos também é abordado como prática estética. Em O CORPO SENSÍVEL NO CENTRO DE CUIABÁ/MT: RELATOS DE UM CAMINHAR CARTOGRÁFICO, Kellen Melo Dorileo Louzich, Fernando Perinazzo Rambo e Evandro Fiorin somam o caminhar à cartografia subjetiva, com a finalidade de experienciar os espaços urbanos cuiabanos. E, destacando a ciclabilidade como alternativa de mobilidade

individual e forma de acesso aos espaços públicos a nível de vizinhança, o artigo A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE DE BAIRRO PARA USO DA BICICLETA COMO MEIO DE TRANSPORTE: ESTUDO DE CASO DAS CIDADES DE NITERÓI E RECIFE de Bruna Beatriz Bortoletto Macciantelli, Raquel Bourquard e Fátima Priscila Morela Edra apresenta um estudo de caso realizado em Niterói e Recife visando entender como o ambiente de bairro influencia o uso da bicicleta como meio de transporte.

Com um foco específico nos deslocamentos de crianças pela cidade, Diego Freire Martins e Verônica Maria Fernandes de Lima refletem sobre a participação cidadã das gerações mais novas. Em EXPERIÊNCIAS CIDADÃS: REFLEXÕES SOBRE OS DESLOCAMENTOS DE CRIANÇAS NOS TRAJETOS ESCOLARES, os autores analisam os vínculos das crianças com o ambiente urbano em Quixadá/CE a fim de indicar (des)potencialidades para o desenvolvimento de uma formação cidadã na cidade.

Os trabalhos a seguir discutem territorialidade e cidadania com um olhar sensível a particularidades de grupos sociais específicos. Diana Amorim dos Santos da Silva e Naylor Barbosa Vilas Boas, abordam o território urbano feminino por meio de iniciativas táticas realizadas por mulheres na luta por seus direitos à cidade em MAPEAMENTO DE GRAFFITI FEITOS POR MULHERES NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO: UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO E DE AMPLIAÇÃO DAS ANÁLISES DE TÁTICAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS. Na sequência, no estudo HABITAÇÕES INDÍGENAS EM BIOMAS BRASILEIROS: MATA ATLÂNTICA, CERRADO E PAMPA, Maria Alice Corrêa de Oliveira, Lorena Costa Colares, Carolina Salzano Rocha e Ana Teresa Cirigliano Villela, tratam do indígena e da relação da sua habitação com o território. As autoras discutem a historiografia da arquitetura indígena, considerando fatores climáticos e materiais disponíveis nos biomas. Já em ENTRE O OÁSIS E O DESERTO: Esconder e revelar, sexualidade e gênero dentro dos parques urbanos, Estevan de Bacco Bilheri, Kayan Freitas de Araújo, Cristhian Moreira Brum e Tarcísio Dorn de Oliveira exploram a territorialidade com um olhar através da sexualidade e do gênero, sensível ao público LGBTQIA+, discutindo como as relações conflituosas dentro dos oásis urbanos impactam na demonstração da identidade real do indivíduo e na sua relação com o espaço. Na sequência, o ensaio FEMINISMO, ARQUITETURA E URBANISMO de Shirley Terra Lara dos Santos nos instiga a pensar sobre a práxis na Arquitetura e Urbanismo com referências teóricas-críticas, destacando a relevância cotidiana da temática feminista. E, nos conduzindo até o Rio de Janeiro durante o período colonial, Alessandra de Sant'Anna e Carolina Mara Teixeira abordam questões raciais na construção social do território conhecido como Pequena África, no trabalho intitulado PAISAGEM E RELAÇÕES INTER-RACIAIS NO RIO DE JANEIRO COLONIAL: FIGURAÇÃO E DIÁSTASE SOCIAL NA PEQUENA ÁFRICA A PARTIR DA PRODUÇÃO DE JEAN BAPTISTE DEBRET DURANTE A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, BRASIL, DURANTE O PERÍODO COLONIAL.

Encerrando esta seção, A IDOSA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO: UMA PESQUISA PARTICIPATIVA EM PELOTAS, BELO HORIZONTE E BRASÍLIA de Thais Libardoni, Adriana Portella, Lígia Chiarelli, Sirlene Sopeña, Isolda de Araújo Günther e Adriana Viebrantz Braga discute, com um olhar sensível a questões de gênero, resultados de uma pesquisa transnacional acerca do envelhecimento na comunidade. As autoras analisam a influência da construção de gênero na execução do procedimento metodológico diário fotográfico e na percepção ambiental em cidades brasileiras.

Na seção Parede Branca, FLAMMA de Letícia Pereira Paixão começa nos provocando com uma arte que traz referências a diversas tomadas de território, desde a ideia da colonização de Marte e suas consequências, inclusive climáticas, até as invasões de diversos países pelos Estados Unidos. Todas permeadas por jogos de dinheiro e

poder. Após, em REPRESENTAÇÕES CRÍTICAS DA CIDADE: EXPERIÊNCIA DO MÉTODO COLAGEM/COLLAGES EM SALA DE AULA, Camilla Massola Sumi nos leva para sala de aula, onde a atividade de *collage* visa a compreensão crítica dos aspectos históricos da problematização das cidades, sensibilizando estudantes de Arquitetura e Urbanismo para questões de sustentabilidade, da formação profissional e de cidadania. Na sequência, PANDEMONIUS: HISTÓRIA DE UM POVO, IMAGENS QUE VEM DE DENTRO de Anajara Terra nos provoca apresentando a imagem em sua capacidade de afetar mais do que significar. Já em DOMINGO [COM]VIDA NO PARQUE ITAIMBÉ, Adriano da Silva Falcão, Juliana Lamana Guma, Marina de Alcântara, Hamilton Binato Júnior e Augusto Junges Ebling a provocação é para a apropriação do território urbano através dos eventos Domingo [com]VIDA. Por fim, Paula Pedreira Del Fiol e Eduardo Rocha apresentam GALERIAS COMO ACESSIBILIDADE FRENTE AO TECIDO URBANO? Os autores questionam até que ponto galerias comerciais são acessíveis a todos, ainda que se articulem espacialmente com o território urbano.

Com o leque de interpretações que se abre ao longo desta edição da Píxo, é possível dizer que todos os trabalhos que fazem parte dessa seleção nos provocam a refletir sobre os conceitos de cidadania e territorialidade de diferentes formas, em diversos níveis e sob perspectivas únicas. Entretanto, entende-se que a relevância desta compilação reside em instigar o leitor a ir além, criando novas ramificações a partir desses saberes compartilhados. Talvez uma das grandes lições que podemos aprender ao relacionar os conceitos de Território e Cidadania seja de que, embora tenhamos que lidar com uma visão generalista o suficiente para ao menos ter conhecimento acerca desses diversos campos de saberes, é imprescindível que saibamos reduzir a escala quando necessário, considerando particularidades. Dessa forma, essa edição da Píxo também tem como objetivo provocar essa sensibilidade no arquiteto, urbanista, e em todos os leitores que, de alguma forma, tenham envolvimento com o tema.

Desejamos a todos uma boa leitura.